

Eu, Mãe Catirina do Boi Caprichoso: Identidade e Representatividade no Festival Folclórico de Parintins⁴

Ádria Lorena Brasil Barbosa⁵

Adelson da Costa Fernando⁶

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

O presente artigo discorre, baseado na teoria da Folkcomunicação em Luiz Beltrão (1980), como a Mãe Catirina do Boi Caprichoso, enquanto Ativista Folkmidiática em Trigueiro (2008), conseguiu comunicar, por meio da representação da personagem, aquilo que é invisibilizado no folgado, despertou discussões sobre a presença negra, visua-

⁴ Trabalho apresentado no GT 02 Expressões da Folkcomunicação na Cultura Popular da XXI Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

⁵ Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas - ICSEZ. E-mail: adrialorenabrilbarbosa@gmail.com.

⁶ Doutor em Ciências da Religião, professor do Curso de Jornalismo/ICSEZ e do PPGSCA/UFAM e Diretor Regional Norte da Rede Folkcom. E-mail: acostaf@ufam.edu.br

lizando o folclore como algo dinâmico e como dispositivo de transmissão de valores para crianças. E nesse processo, como, através do fluxo de comunicação e interação com a comunidade, a experiência de viver a Mãe Catirina, me atingiu como mulher, me fez reconhecer, amar e entender a importância de se utilizar a Arte como importante mecanismo de movimento antirracista, de identidade e representatividade no Festival Folclórico de Parintins.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Mãe Catirina; Ativista Folkmediática; Representatividade.

Festival Folclórico de Parintins

A brincadeira de boi desperta curiosidade por sua diversidade e maleabilidade a diferentes contextos culturais. Encontrada de norte a sul do país, cada região adapta o folguedo de acordo com suas peculiaridades. Em Parintins (a 325 km de Manaus), a manifestação saiu das ruas para ganhar status de marco folclórico, hoje considerada Patrimônio Cultural do Brasil.

A força dos bumbás é tamanha que a cidade é dividida em dois lados: a leste, ou “pra baixo” fica o azul do Caprichoso, boi preto com estrela azul na testa, tendo como referência os bairros da Francesa e do Palmares, e a oeste ou “pra cima”, o vermelho do Garantido, o boi branco com coração vermelho na testa, da Baixa do São José.

Com relação à origem dos bois, há vários relatos (literatura oral ou escrita) que deixam dúvidas quanto a data precisa, mas em todo caso, ambos os bois datam oficialmente o ano de 1913 como marco fundador.

[...] as diversas versões a respeito da criação dos Bois de Parintins é mais um elemento que vem a contribuir não apenas para a rivalidade entre eles, como também, reforçar a tese de tradição inventada que, por sua vez, vem a fortalecer a formação de uma identidade própria da região. (VALENTIN, 2002, p. 99).

A grande “virada” no Festival de Parintins aconteceu em meados dos anos 90, com a inauguração do Bumbódromo⁷, em 1988. O folgado incorporou elementos da cultura amazônica com espetáculo alegórico, cênico e coreográfico. Como afirma Rodrigues (2006) “do boi de rua para o boi espetáculo”, ganhou sua marca genuína de manifestação popular. A disputa até 2005 acontecia nas noites de 28, 29 e 30 de junho, com 3 horas de duração para cada bumbá. Depois desse ano, passou a acontecer nas três noites do último final de semana de junho, com o tempo mínimo de duas horas e máximo de duas horas e meia para cada boi.

Atualmente são 21 itens⁸ que concorrem, entre individuais e coletivos. Pai Francisco e Mãe Catirina, apesar de representarem a gênese da brincadeira de boi, não pontuam, mas são obrigatórios nas apresentações de Caprichoso e Garantido, sob pena de perda de ponto a uma das agremiações culturais, caso não apresentem os personagens em alguma das noites de disputa.

⁷ Arena no formato estilizado da cabeça de um boi onde são realizadas as apresentações dos grupos folclóricos em Parintins. O nome oficial da construção é Centro Educacional Desportivo Amazonino Mendes, inaugurado em 1988. (NOGUEIRA, 2008, p. 55-56).

⁸ O item no festival folclórico de Parintins é cada componente ou coletivo que representa um personagem ou grupo da apresentação de cada boi-bumbá.

Outrora, o quadro dedicado às personagens do auto do boi no Festival Folclórico de Parintins era o chamado “Tira-língua”, apresentado uma última vez em 1982. A partir daí, estas personagens assumiram o lugar de coadjuvantes ou até mesmos de meros “contrarregras” gravitando entre os blocos ou atos do espetáculo e reduzidos, quando muito, a citações em toadas enquanto figuras que guarnecem a “tradição” (p. 158).

A festa dos bois de Parintins encena-se na exaltação indígena, no pano do mito, da toada⁹, do caboclo como símbolo da identidade regional amazônica e finalmente, do negro, que nos últimos anos tem ganhado maior destaque pelos bumbás.

O Auto do Boi, Mãe Catirina como Ativista Folkmidiática

A partir de discussões recentes e da crescente luta do movimento antirracista em respeito pela cultura afro-brasileira, os bumbás, passaram a ter um olhar mais atento e de valorização do negro, no seu reconhecimento e contribuição na construção da identidade cultural da Amazônia, consequentemente no Festival de Parintins. No presente artigo, em especial, será abordado a maior visibilidade dada ao negro e a ressignificação da personagem Mãe Catirina pelo Boi-bumbá Caprichoso, nos anos de 2017 a 2023, a partir do estudo da Folkcomuni-

⁹ Entendida como “o canto de boi-bumbá [...] um ritmo afro-brasileiro, mistura contagiante do samba, marcha e cateretê” (SAUNIER, 1989, p. 33).

cação em Luiz Beltrão (1980), o qual analisou as relações existentes entre comunicação e cultura, vislumbrando as camadas populares como sujeitos de comunicação.

Esta área de conhecimento genuinamente brasileira, caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem mais popular, mensagens previamente vinculadas pela indústria cultural, verificando o folclore como um dos grandes canais de comunicação coletiva. Segundo Schmidt (2008) brinquedo, religião, trabalho, artesanato, dança são formas de demarcar e expressar as informações e conhecimentos da cultura popular, e a partir dessa delimitação que apreende-se o folclore que essas comunidades anunciam.

Folkcomunicação é a comunicação em nível popular. Popular entendido como tudo o que se refere especialmente ao homem do povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Folkcomunicação é a comunicação através do folclore (LUYTEN, 1983, p.32).

Entende-se que a Folkcomunicação na concepção de Beltrão é o estudo dos agentes de mudança social que mantêm cidades do interior informadas, são comunicadores da população como caixeiros-viajantes, o motorista de caminhão, o bicheiro, que percorrem o interior brasileiro. Beltrão percebeu que os grandes meios de comunicação social não tiveram a preocupação de buscar nas camadas marginalizadas uma linguagem que traduzisse seus conteúdos. A partir disso, como enfatiza Trigueiro (2008), o pesquisador chama atenção para a importante função do líder de opinião como agente de

comunicação social no sistema de comunicação popular, os chamados (inter)mediadores dos processos de recepção das mensagens midiáticas, dirigidos para uma determinada audiência ou comunidade a qual se inserem.

Essas trocas arquetípicas, esse reviver e rever a si e aos outros podem ser compreendidos como atos de um processo folkcomunicacional, conceituado por Luiz Beltrão como “(...) um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal, já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador (...)”. É um sistema onde os discursos são direcionados a um mundo e não ao mundo, como o sistema de comunicação de massa (BELTRÃO, 1990 apud SCHIMIDT, 1997, p. 37).

O estudo da disciplina se ampliou e Luiz Beltrão notou que o fluxo comunicacional no processo da Folkcomunicação é mais complexo e ocorre em múltiplas etapas. Para Trigueiro (2008), os agentes de comunicação atuam com maior quantidade e qualidade de acordo com o grau de relevância temática. Estes agentes operam nos seus grupos primários na recepção das mensagens midiáticas recodificando para o uso das práticas cotidianas. E quanto maior for o campo de interesse comum entre emissor e receptor, maior será o nível de recepção no campo da Folkcomunicação.

A partir da globalização, os fluxos de comunicação passaram a chegar aos mais remotos lugares do planeta em tempo cada vez mais

curto. E o acesso à informação e a comunicação deixaram de ser privilégio de algum determinado grupo e se estendeu a quase todos, em contextos históricos e socioculturais, bem diversos dos analisados por Beltrão dos anos 60 e 70 e que serviram para embasar a teoria da Folkcomunicação. Conforme Trigueiro (2008, p. 145): “Nessas interatividades atuais entre o global e o local as redes da folkcomunicação deixam de ser exclusivamente artesanais, se apropriam e o usam meios técnicos como computador, internet, vídeo, CD, para fazer circular seus produtos folk-midiáticos”.

O bicheiro, o motorista de caminhão, já não trazem tantas novidades para o grupo como acontecia em décadas anteriores. Este agente da rede folkcomunicacional continua atuando, mas agora no campo de operação, como mediador ativista. Segundo Trigueiro (2008), esses ativistas seriam os intermediários cognitivos entre os produtores de cultura e os consumidores. É aqui que localizamos a Mãe Catirina, no Festival Folclórico de Parintins. Verificando-a como uma personagem, antes invisibilizada, que passou a despertar a consciência crítica da comunidade em que se insere por meio da Cultura Popular.

Essas reconfigurações da hibridização entre as culturas dos mídia e as culturas populares apontam para a substituição dos agentes intermediários – líder de opinião – para os mediadores ativistas. São os sujeitos que atuam como produtores-criadores-culturais ou emissores-criadores-culturais nas negociações da hibridização entre as culturas tradicionais e da mídia. Estreitam os espaços excludentes entre os dois campos opostos da comunicação, do global e o local, elevando o nível da audiência ativa mais para usuário do que simples consumidor. O mediador ativista

(pode atuar na política, na cultura, na religião e em outras áreas do seu conhecimento), sobressai dos demais do seu grupo primário pela sua produção intelectual que é apropriada e incorporada ao uso das práticas da comunidade local. (TRIGUEIRO, 2008, p. 145).

Em 2017 recebi o convite do Presidente do Conselho de Artes do Caprichoso, Ericky Nakanome, para interpretar a Mãe Catirina. Até então sempre me identifiquei como uma fervorosa torcedora do boi azul e branco, de chegar cedo à fila da galera¹⁰ e ter grande ligação com o item 19. Fui pega por um sentimento de surpresa e animação. Finalmente poderia “descer” da arquibancada do povo, para brincar boi ali pertinho do Caprichoso nas três noites de Festival. Não posso dizer que a reação da minha família foi a mesma. Até então, tradicionalmente, a Catirina era representada por um homem vestido de mulher, com rosto pintado de preto e de características físicas exageradas. Um dos principais papéis da personagem era entreter o público, camuflar qualquer possível falha na Apresentação dos bumbas (juntando adereços do chão, deslizando pela Arena molhada em noites de chuva, para que algum item não corresse o risco de escorregar, por exemplo). Somado a isso, havia a questão de Catirina ser relacionada a algo/alguém feio(a) e caricato(a).

10 Nome dado às torcidas dos bois-bumbás de Parintins. A galera é um item julgado no Festival Folclórico.

[...] o negro, na brincadeira de boi-bumbá em Parintins, continua relegado à marginalização, continua representando o lado da carnavalização, o lado grotesco da festa. Enquanto na brincadeira do bumba-meu-boi esse rebaixamento se dava através de uma formação discursiva do dominante sobre a do dominado, na festa de Parintins vozes marginalizadas, que aparentemente tenderiam ter o mesmo potencial de espaço, mostraram-se numa relação hierárquica, chegando muitas vezes ao silenciamento [...] o negro é colocado em nível rebaixado, caricaturado da forma mais jocosa, não tendo nem corpo (uma vez que são brancos, vestidos de negros) e nem voz. (CARDOSO 2016 apud GOMES, 2022, p. 151).

O primeiro processo de desconstrução aconteceu dentro de casa, em fazer minha família enxergar o aceite de tal convite como a realização da torcedora apaixonada, que ali viveria uma experiência única e inovadora de desejar a língua do boi mais amado da fazenda e poder representar aquilo que dava início e sentido ao folguedo: O Auto do Boi. Como tudo que é diferente chama atenção, logo, por meio das Redes Sociais do Boi, foi divulgada a entrevista do quadro “Uma Dose Caprichoso” com a nova Catirina (pelo Facebook e YouTube, em maio de 2017). Ali, de maneira muito descontraída, os torcedores “abraçaram” a personagem e viram nela alguém que pudesse representar a galera na Arena. A Mãe Catirina teria uma grande ferramenta: o sentimento de afeição e identificação com os amantes e brincantes do bumbá.

As festas populares e folclóricas constituem um momento em que o grupo é levado a reencontrar suas origens e, deste modo, também, uma forma de identificação coletiva, de comunicação coletiva. Permitem a liberdade de expressão e a valorização local e até individual. Elas incorporam elementos/códigos novos, “atualizam” os já existentes, ou retomam alguns passados. As festas são expressão e patrimônio simbólico de um grupo social em um processo de comunicação (SCHIMIDT, 1997, p. 36-37).

Do vestido mais comprido e largo para o vestido pouco acima do joelho, trabalhado sob medida. Eu trazia para “minha Catirina” a característica de mulher “ardida” (apelido dado por minha mãe, pelo meu jeito brincalhão e serelepe de ser), o qual compartilhei com torcedores e logo se tornou uma “marca registrada”. Contei com apoio de amigos e figurinistas do Caprichoso, que me maquiavam, enfeitavam minha sapatilha e acessórios como leques, laços, luvas e a peruca, a qual sempre era posta com um penteado inovador (com coques, panos, pedras, costurada com outras perucas, para dar maior volume e efeito).

O mediador ativista é um intelectual do seu ciclo sociocultural sua aceitação independe da situação econômica e de escolaridade, pode ser um autodidata, com formação adquirida pelas experiências da vida. No sentido intelectual é o sujeito que exerce uma atividade criadora ou inventiva, não só nas ciências ou nas artes eruditas, mas também nas culturas populares, é todo aquele que desen-

volve novas ideias e as põe em prática na sociedade (TRIGUEIRO, 2008, p. 145).

Com muita animação, eu dividia a rotina de “viver a Catirina”, desde a ida ao galpão com as costureiras, aos ensaios, o que de alguma forma envolveu os brincantes e torcedores. A exemplo, para a gravação do DVD “A Poética do Imaginário Caboclo”, precisei de peruca e várias pessoas, inclusive do boi Garantido, se dispuseram a emprestar. A cada ensaio era uma produção diferente, que causou impacto e surpresa e fez a galera começar a olhar de modo diferenciado para a personagem, inclusive chamando-me carinhosamente de “Cati” ou “CatiLinda”.

Apesar de existir a comissão organizadora da festa, responsável pelo acontecimento, a comunidade local, espontaneamente, se envolve com a estruturação e o desenvolvimento das festividades, deixando o papel de simples receptora/observadora. Envolvendo-se, elas se tornam singulares no universal/globalizado. E é nessa singularidade que percebem os novos códigos de organização da festa. (SCHIMIDT, 1997, p. 39).

Como era “tradição”, em 2017 ainda tive o rosto pintado de preto, o que na época começou a causar o questionamento do porquê a Mãe Catirina precisar “estar caricata”. Nessa troca (torcedores-personagem), a Catirina me alcançaria de maneira que eu jamais imaginaria. Ao utilizar a peruca, as pessoas elogiavam o visual: “Nossa, você fica linda assim!” “É seu cabelo? É peruca, né, mas teu cabelo é assim?” Aos 26 anos na época, nascida e criada num lugar onde a cunhã-po-

ranga (indígena de cabelos lisos e compridos) é a mulher mais bonita, tive naqueles elogios um choque. Eu, que alisava o cabelo desde os 12 anos, ouvi pela primeira vez uma versão diferente daquilo que cresci internalizando que era feio. Me veio a curiosidade de saber como eu seria, com minha raiz natural. “O ato de tirar a peruca e me reconhecer como uma mulher preta bonita e empoderada”. Aqui é importante frisar que beleza negra não está atrelada ao cabelo crespo. Somos plurais e não existe o padrão perfeito ou ideal, mas que para a cultura a qual fui socializada, meu cabelo natural nunca havia sido até então sinônimo daquilo que poderia ser belo.

Quando a sociedade brasileira olha para o negro e para a negra e os destitui do lugar da beleza, ela afirma uma determinada proposição, um julgamento em relação ao negro e sua pertinência étnico/racial, que pode ou não ser internalizado pelo sujeito. Contraditoriamente, ao tentar destituí-los do lugar da beleza, essa mesma sociedade reconhece-os como negros, uma vez que, para se rejeitar, é preciso antes reconhecer. Esse processo vivido num nível mais amplo e mais geral se reproduz num plano mais íntimo e mais profundo, ou seja, na intimidade e na construção da subjetividade do negro e da negra. (GOMES, 2019, p.142).

Em 2018, a tinta preta do rosto deu vez a uma base de tom mais escuro. Apesar de ainda ser utilizado um macacão de cor preta pelo corpo, o qual servia como “uma segunda pele”. A Mãe Catirina des-

construía-se da identidade caricata e eu, Ádria, já vivia o processo de transição capilar¹¹.

Tradição é vista pelos dois grupos folclóricos como algo estático, imutável. Mas tradição é herança e diz respeito à forma como se recebe e como se passa adiante a manifestação. A vida é dinâmica e a cultura é fruto da simbiose de múltiplos aspectos que vão tornando, no caso, a brincadeira de boi, sempre contemporânea aos seus (NAKANO-ME e SANTANA, 2021, p. 159).

Neste mesmo ano, de forma inédita, no evento promovido pelo Movimento Marujada em Manaus, o “Bar do Boizinho”, o qual é voltado para torcedores mirins brincarem de “itens”, havia meninas vestidas de Catirina. Logo as fotos me foram enviadas, fui mencionada em publicações e até os pais também mostravam-se orgulhosos com a representatividade do Auto do Boi e da Mãe Catirina.

Ainda em 2018, na festa junina da escola, onde comumente em Parintins, cada instituição de ensino infantil possui um boizinho, em que as crianças reproduzem os itens dos bumbás, meu sobrinho quis ser o “Pai Francisco” e houve o convite para que eu pudesse participar como Catirina. Pela 1ª vez o Auto do Boi acontecia num evento escolar na cidade. E aquilo me marcou enquanto Mãe Catirina e como mulher preta. Eu sentia o poder da Cultura Popular e o quanto ela é viva

¹¹ Processo de suspender procedimentos químicos utilizados no cabelo para deixar os fios naturais crescerem.

e forte e principalmente, capaz de alcançar diferentes faixas etárias, sem qualquer distinção.

Schmidt (1997), ao ir a campo constatou que no sistema de folk-comunicação, os líderes (agentes-comunicacionais), ao contrário do sistema de comunicação social, nem sempre são autoridades reconhecidas, mas apresentam traços ainda mais fortes no que se refere ao seu poder de convencimento: têm carisma, respeito, credibilidade, capacidade de aglutinação, assumindo posição de conselheiros, mesmo sem terem consciência do papel que representam.

O ano de 2019 foi o que considero a grande “virada de chave” para os personagens do Auto do Boi no Festival de Parintins. Era de conhecimento do Conselho de Artes¹², que havia uma jurada com formação em Antropologia e de grande envolvimento com o Movimento Negro e que a representação Pai Francisco e Catirina pintados de preto por parte do Garantido e com o macacão preto pelo Caprichoso, estava causando grande “desconforto”. Na 3ª noite, me foi solicitado pelos membros da Diretoria que eu retirasse o macacão de cor preta e também não usasse qualquer base mais escura. Nesta noite, ao me apresentar à Comissão Julgadora, bati no peito e exclamei: “Tenho orgulho de quem sou!” Aquilo mais que uma expressão, foi como dar vida à mulher preta que interpretava a Catirina. Ela me empoderaria naquele ato e revelaria minha força e ancestralidade e a importância do meu reconhecimento disto. Foi como nascer de novo, me autoremconhecer. Os jurados aplaudiram da cabine. Esse momento foi registrado e consta na Revista do Boi Caprichoso do ano de 2022. Acerca

¹² Grupo que estabelece, por meio de debate interno, o planejamento das três noites do boi de arena, com a inclusão dos seus respectivos subtemas, seguindo o formato ópera cabocla, criado por Simão Assayag, em 1996.

da influência da banca de jurados especialistas (folcloristas, antropólogos, artistas plásticos, musicólogos, bailarinos etc.) na interferência nas apresentações dos bumbás, Nogueira (2014), ressalta que:

[...] enquanto a academia se apropria daquilo que os bois-bumbás produzem em termos de expressões artísticas e representações socioculturais, para elaborar reflexões e gerar conhecimento científico, seus artistas também se apropriam dos estudos acadêmicos para fundamentar suas criações espetaculares. Conhecimento empírico e conhecimento científico entrecruzam-se na realização de um fenômeno sociocultural que se sustenta nas possibilidades das técnicas, da fé, do afeto e da paixão. Não seria exagero afirmar que os bois-bumbás, por meio dos seus espetáculos, defendem teses perante uma banca de especialistas (p. 28).

Nos anos de 2020 e 2021 não houve Festival em razão da Covid-19. Como alternativa, os Bois realizaram lives, no intuito de amenizar a “saúde” dos torcedores e mostrarem que apesar das adversidades, a Cultura permanecia viva. Em 2020 fui convidada para Apresentar uma das lives do Boi Caprichoso, vestida de Mãe Catirina. Eu estava com cabelo natural, maquiada sem qualquer alteração no tom de pele e com acessórios que enalteciam a personagem como uma mulher preta. Isso causou impressão positiva em muitos torcedores e inclusive a página “Deu Nome & Não Deu Nome”, de grande influência na cidade e redondezas por analisar e tecer críticas por vezes ácidas à apresentação dos bumbás (com mais de 36 mil seguidores no Instagram e 43 mil seguidores no Facebook), postou: “Uma live

do Boi Caprichoso, Touro Negro, apresentada por Mãe Catirina, Mulher Preta, sem blackface, é tudo pra mim!!!! Ádria Barbosa ahhhhhhh você é tudo pra mim!!”, a qual teve 843 curtidas, 52 comentários e 42 compartilhamentos, só no Facebook. Neste mesmo ano, no Bumbódromo, Catirina e Pai Francisco levantaram o cartaz: “Vidas Negras Importam”, como forma de expressar e reivindicar respeito pelos direitos de pessoas pretas e que o Boi-bumbá de Parintins, como grande agente popular, tem como papel fundamental levantar e empunhar a bandeira antirracista.

O mediador ativista da folkcomunicação potencializa o seu produto simbólico e remete para novos processos de interação que se prolongam da esfera de interconhecimentos da escala local para a apropriação e uso dos meios midiáticos como estratégia de fazer circular seus produtos simbólicos na rede folk-midiática em escala planetária. (TRIGUEIRO, 2008, p. 144).

Em 2022, pela 1ª vez, tanto Caprichoso como Garantido, tiveram no Auto do Boi Pai Francisco e Catirina representados por pessoas pretas sem nenhuma modificação ou caracterização “exagerada”. E aqui ressalto, que o Boi Caprichoso ainda trouxe como Gazumbá um Quilombola do Quilombo do Matupiri, da cidade de Barreirinha/AM, o qual ainda hoje integra o Auto do Boi.

O ativista midiático age motivado pelos seus interesses e do grupo ao qual pertence na formatação das práticas simbólicas e materiais das culturas tradicionais e modernas. É um narrador da cotidianidade, guardião da memória e da identidade

local, reconhecido como porta-voz do seu grupo social e transita entre as práticas tradicionais e modernas, apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais. (TRIGUEIRO, 2008, p. 48).

É interessante observar, neste movimento, como a personagem Mãe Catirina, por meio do fluxo de comunicação e troca com a comunidade, internalizou e despertou discussões, na mesma proporção em que me atingiu como pessoa. O Festival de Parintins é um exemplo evidente desses processos transformativos culturais. O desejo ou o ato de auto(reconhecimento), até então adormecido. A morte e ressurreição não somente do boi-bumbá, mas da mulher preta que ali (internamente) se “escondia” durante grande parte do meu processo de socialização e que pela força da Cultura Popular, nasceu.

Desconstruindo e Construindo Identidade: A Arte no seu papel revolucionário de transformação

A teoria da Folkcomunicação está amparada nas teses defendidas pelo folclorista Edison Carneiro, o qual afirmava que: “[...] sob a pressão da vida social, o povo atualiza, reinterpreta e readapta constantemente os seus modos de sentir, pensar e agir em relação aos fatos da sociedade e aos dados culturais do tempo. O folclore é, portanto, dinâmico” (CARNEIRO, 2008, p. 4). Nesta perspectiva, entendemos o quanto as manifestações populares caracterizam-se como conteúdo vivo, numa constante criação e atualização das formas de expressar sua cultura. Por meio de toadas, danças, na encenação e exaltação de suas lendas e lutas, o boi-bumbá agrega valores e faz com que seus

expectadores resignifiquem modos de ser e agir. A respeito disso, o membro do Conselho de Artes, Antropólogo e Historiador, Diego Omar ressalta:

A gente também tem que ocupar esse espaço, que é de 2 horas e meia durante 3 noites, em que o mundo inteiro nos assiste, pra fortalecer o ponto de vista, sobretudo daqueles que foram historicamente marginalizados. Então tava na hora de levar o terreiro de verdade pra arena, tava na hora de chamar as pessoas do quilombo de verdade pra arena. (Entrevista divulgada pela TV Caprichoso nas Redes Sociais do Boi, em 15.06.2023).

Sobre essa questão, a torcedora do Boi Caprichoso, Pâmela Mirian Lira Sá (26), ressalta:

[...] O Caprichoso se reconheceu primeiro como um boi negro e de negro e agora usa esse seu autoconhecimento para falar não só sobre ele e por ele, mas, por todos aqueles que não tem a mesma oportunidade, o mesmo engajamento e a mesma voz.

Na arena do Bumbódromo podemos verificar essa exaltação no trecho da toada “Boi de Negro”, dos compositores Ericky Nakanome, Frank Azevedo, Moisés Colares, Raurison Nascimento e Ricardo Linhares, lançada em 2018, a qual é cantada na noite de temática afro para evolução do bumbá: “Ginga, boi De Zulu a Zumbi Gira, boi Afro-parintin/ Resistência de um povo Brasil/ Maracá, pandeirão, tambo-

rinho/ Meu tambor é de fogo, é de onça/ Que dança o miolo debaixo do mito popular/ Yorubá, Ijexá/ É zambumba, boi-bumbá/ Bumba-meu-boi, sangue África/ Na minha dança e na festa”.

A toada traz ainda, os personagens negros do Auto do Boi: “Boi de Cid, brasileiro/ O batuque, o gingado/ Cantoria, Pai Francisco Gazumbá, Catirina”, enaltecendo-os, como forma de empoderamento de seus papéis. Quanto ao processo de valorização da Mãe Catirina, ao questionar Pâmela sobre o porquê da iniciativa de vestir a filha de Catirina, para um evento de itens mirins, quando em sua grande maioria são Sinhazinhas (mulher branca, que representa a influência europeia na manifestação) e Cunhãs, ela respondeu:

Eu sempre achei o máximo a figura da Catirina, tudo começou com o desejo dela e não era um personagem valorizado. Sendo bem sincera, quando você entrou pra ser o item, você trouxe toda a representatividade de Catirina. Quando os amigos pediram pra inscrever ela no bar do boizinho, pensaram em tudo e como tudo ia ser. Era pra ser cunhã ou sinhá, por ser branquinha. Quando eu disse que ela seria Catirina, “ai, vai fazer a menina passar vergonha”, eu discordei, óbvio. Os outros itens tem sua importância, mas Catirina, é o início de tudo.

Observa-se que o processo de transformação/internalização não se dá de maneira rápida ou passiva. Há o estranhamento, o afastamento por parte de alguns torcedores, que ainda veem o negro num papel caricato e por vezes pejorativo. Em 2019, por exemplo, o Boi Caprichoso recebeu muitas críticas por “estar deixando de lado a

Amazônia”, ao abordar temáticas voltadas à cultura Afro-Amazônica. Acerca disto, a Historiadora Larice Butel destaca:

O Caprichoso representa o momento de transição mais importante que a nossa festa já passou dentro de uma história recente. A gente sofreu muita retaliação, muita crítica a respeito da 2ª noite porque não era folclore, “a gente queria a Amazônia de volta”. E em momento nenhum a gente deixou de falar de Amazônia, de estar localizado na Amazônia, mas o que a gente não pode fazer é fechar os olhos para que outros grupos culturais de igual relevância estejam presentes na Amazônia também.

Quanto ao Festival ser um importante canal de comunicação e expressão da comunicação, perguntada sobre a relevância de se exaltar o negro, Pâmela fala que:

Imagina a força que o Caprichoso traz para aqueles que antes não tinham noção da importância que tem, imagina uma criança poder se inspirar nessa história. Imagina eu olhar o Caprichoso negro como eu, contar uma história onde eu posso me identificar.

Fora que conscientiza aqueles que não são tão engajados ou que não tem acesso e informação sobre.

Para a elaboração do artigo, também foi entrevistada Kássia Farias (28), mãe de Miguel, hoje com 10 anos de idade, a qual também expressou como a criança, ao assistir a encenação do Auto, se apegou à história e aos personagens:

O Miguel tinha 4 anos quando ficou fanático pelo auto do boi caprichoso de 2017. Ele assistia todo dia, era rotina dele. Foi no projeto de arena de 2017 que o Miguel se mostrou fã número 1 da Catirina e guardião apaixonado pelo boi Caprichoso. Ele sabia de có a encenação do auto, sabia contar a história, ele tinha críticas, tinha ideias a acrescentar ao espetáculo, amava demais a Catirina e o pai Francisco. Até que um dia, em um lanche da cidade, ele finalmente conheceu a Adria Barbosa (Catirina do Caprichoso), ele foi ao encontro dela e alugou por um bom tempo o ouvido dela, ela toda atenciosa com ele, explicou toda a história, ouviu o que ele tinha pra dizer e desde lá essa relação deles nunca mais se rompeu, naquele mesmo dia, ele a convidou para o aniversário dele de 5 anos e ela foi, foi lindo.

Para Trigueiro (2008), o mediador ativista transita entre as práticas tradicionais e modernas, ao apropriar-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais. A Mãe Catirina, neste sentido, alcançou as crianças, as quais ao assistirem a reprodução do Auto do Boi, criaram afeição, curiosidade e internalizaram valores que o folgado transmite. Como afirma Kássia:

Um dos momentos mais marcantes pra mim, enquanto mãe, foi no boi de rua de 2018 que o Miguel dançou com a Adria e as pessoas fizeram uma rodinha e começaram a cantar pra eles, ele dançava de tripa de boi e ela de Catirina, foi uma realização pra mim ver a felicidade dele.

Hoje, ele tem 10 anos e nada mudou, o Boi Caprichoso continua sendo o item, a paixão do Miguel, juntamente com a Ádria que sempre, em qualquer oportunidade, da atenção para ele. Ano passado, ele brincou de tripa mirim na tarde alegre, lembro que ele queria encenar o auto do boi e pediu pra eu chamar a Adria, acabamos não podendo ajudar muito ele porque estava num período muito apertado tanto para os a Adria tanto para gente.

Miguel é um menino inteligente, consciente das causas sociais, tem a pele clara e é apaixonado pelo auto do boi, transcendendo o amor para a Catirina pela pessoa que ela é, por ela ter revolucionado esse item que antes não era levado a sério, a alegria da Adria, a paixão que ela transmite ao boi e atenção que ela dá para as crianças com todo seu carisma, tudo isso faz ela ser a item número 1 para o Miguel. Ela é a pessoa que ele espera pra ver na arena.

[...] Ádria, você é incrível, obrigado por fazer parte da vida do meu filho, por todo amor que transmite a ele, por aquele abraço quando ele perdeu a disputa de tripa, pelas palavras, pelas alegrias, você é muito importante pra gente. Nós te amamos!

Importante ressaltar que o Boi Caprichoso, ao realizar a “Tarde Alegre”, evento que ocorre todos os domingos do mês de junho, voltado para a diversão e inserção das crianças no folguedo, com brincadeiras, guloseimas, onde também acontece a escolha de itens mi-rins, por meio de concurso e há interação com os itens Oficiais do Boi, perpetua esses valores. E para além disto, a Associação Cultural lançou no Dia Nacional do Livro Infantil (18 de abril): Caprichoso Uma História em Quadrinhos, o qual conta de maneira lúdica, a versão do Auto do Boi e a brincadeira do Boi-bumbá, onde pode-se verificar mais uma ferramenta de decodificação de informação para atingir, no caso, o público infantil.

Considerações Finais

O Festival de Parintins, muito mais que um evento cultural, é um importante canal de comunicação e expressão. Nesse fluxo comunicacional, a Mãe Catirina, como ativista folkmidiática, se apossou dos dispositivos técnicos de comunicação, os reinventou e inseriu a comunidade, utilizando-se de mecanismos populares como toadas, da representação do auto do boi, das vestimentas, de publicações em Redes Sociais, para se comunicar, atingiu torcedores, simpatizantes, crianças e minha própria ressignificação enquanto mulher preta.

Entendemos a partir disso, a Arena do Bumbódromo como um lugar de debates, onde quem tem o poder de representar, também pode determinar identidade e a consequente substituição de “valores tradicionais” da brincadeira para a inclusão e ressignificação dos papéis sociais e das representações de pessoas negras no folguedo. A grande mudança no decorrer dos mais de cem anos dos bois de Parintins está

também na importância do autoreconhecimento de seus brincantes dentro e fora da arena.

As reflexões acerca dessa temática, buscam, por meio da Cultura Popular, debater lugares, onde a manifestação, muito mais que papel diversional, exerce a importante função de desenvolver maiores discussões do negro e sua importante contribuição para a construção da identidade cultural da Amazônia. A Arte, no seu papel revolucionário e provocativo, tem o dever de despertar questionamentos e de dar novos espaços a grupos sociais, os quais historicamente estiveram invisibilizados.

O Folclore, através do fluxo de comunicação com os grupos subalternos, é capaz de despertar a consciência crítica da comunidade, imprimir movimentos antirracistas e trazer transformações e/ou renovações das culturas populares, como importante mecanismo de expressão e levantamento de debates, bem como grande canal de transformação/ressignificação social.

Referências

Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional/Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, Universidade Metodista de São Paulo. Vol. 1, n. 1 (st. 1997). São Bernardo do Campo: UESP, 1997.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. RJ: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e de expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Rivalidade e afeição: ritual e brincadeira no boi-bumbá de Parintins / Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. – Manaus(AM): Editora UEA, Autografia, 2002.

GOMES. Jessica Dayse Matos. Negros em Parintins/AM: relações raciais, fronteiras étnicas e reconhecimento identitário / Dayse Matos Gomes. 2022 244 f.: il. color; 31 cm.

GOMES. Jessica Dayse Matos; COSTA. Renilda Aparecida. Outros Desejos de Mãe Catirina: Presença Negra Feminina e Identidades em Parintins – Amazonas. Anais do 3º Encontro Internacional História & Parcerias. Acesso em: 24.jun.2023.

GOMES, Nilma. Sem perder a raiz : corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MELO, José Marques; TRIGUEIRO, Osvaldo (orgs.). Luiz Beltrão: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; INTERCOM, 2008.

MARQUES DE MELO et al. Imagens norte-sul do carnaval: estudo de um fenômeno brasileiro de folclore. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a.23, n.37, p. 61-104, 1º sem.2002.

NOGUEIRA. Wilson. Festas Amazônicas – boi-bumbá, ciranda e sairé. Manaus: Editora Valter, 2008.

NOGUEIRA, Wilson. Boi-bumbá – Imaginário e espetáculo na Amazônia. / Wilson Nogueira – Manaus Editora Valer, 2014.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. Boi-Bumbá: Evolução. Livro reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2006.

SILVEIRA, Diego; SILVA, Elizandra; NAKANOME, Ericky (orgs.) Os Bois-Bumbás de Parintins: novos olhares. Manaus, AM: Editora UEA; Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021.

TRIGUEIRO, Osvaldo M. Folkcomunicação e Ativismo Midiático. João Pessoa: UFPB, 2008.

XAVIER, Samara Silveira. Em Busca de uma Educação Antiracista através da Arte A Representação do Negro na Escola. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014, disponível em: 21852-Texto do artigo-46779-1-10-20150318 (1).pdf. Acesso em: 23.jun.2023.